



20º Congresso Cearense de Enfermagem
29ª Convenção Interiorana de Enfermagem
14ª Semana de Enfermagem da Universidade do
Vale do Acaraú (UVA)
1º Seminário Gestão e Liderança em Enfermagem
Hospitalar

VIVÊNCIAS DE RACISMO E IDENTIDADE NEGRA: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Alyne Abreu da Silva¹

Eliany Nazaré Oliveira²

Flávia Regino Oliveira³

Mariana Lara Silva de Almeida⁴

Isabele Vitória Marques⁵

1. Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Sobral, Ceará. Brasil. Apresentadora.
2. Docente no Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA. Sobral, Ceará. Brasil.
3. Enfermeira. Mestranda em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará em associação com a Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral, Ceará. Brasil.
4. Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Sobral, Ceará. Brasil.
5. Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Sobral, Ceará. Brasil.

INTRODUÇÃO: A discriminação racial pode ocorrer em diferentes ambientes, incluindo universidades, onde historicamente o acesso ao ensino superior era restrito às elites, excluindo especialmente a população negra. Mesmo com avanços como a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012), que ampliou o acesso de grupos historicamente marginalizados, ainda persistem desafios para alcançar a plena igualdade racial no Brasil. A discussão sobre a discriminação racial vivenciada por universitários e seus impactos na saúde mental mostra-se fundamental diante da persistência das desigualdades raciais no Brasil e do papel da educação superior na promoção da inclusão social. Apesar dos avanços proporcionados por políticas de ação afirmativa, o racismo ainda se manifesta no ambiente acadêmico, comprometendo tanto o desempenho quanto o bem-estar psicológico de estudantes negros. Nesse sentido, compreender tais desafios é essencial para a formulação de estratégias que promovam a equidade e o enfrentamento do racismo no ensino superior. **OBJETIVO:** Analisar as situações de discriminação racial entre estudantes universitários e o impacto na sua saúde mental. **MÉTODO:** Trata-se de estudo de caráter exploratório, descritivo e transversal, com abordagem quantitativa, recorte de pesquisa mais ampla intitulada “Discriminação racial e saúde mental nas universidades”. Financiada pelo Edital nº 04/2022 Programa de Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e

Inovação Tecnológica – BPI, pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP. A amostra final foi composta por 829 estudantes de cinco instituições de ensino superior do Ceará, abrangendo tanto instituições públicas quanto privadas. A coleta de dados ocorreu de forma híbrida (online e presencial), entre setembro de 2023 a janeiro de 2024, utilizando instrumentos validados, como a Escala de Experiências de Discriminação Racial e o Inventário de Saúde Mental (ISM), permitindo mensurar tanto a frequência de experiência discriminatórias quanto dimensões do sofrimento psicológico e bem-estar. Para análise dos dados da amostra evidenciada neste resumo, foi empregado o teste estatístico Qui-quadrado, que serve para investigar a relação entre duas variáveis qualitativas. O estudo está em conformidade com as diretrizes estabelecidas pela Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Essa resolução estabelece que as pesquisas envolvendo seres humanos devem considerar os pontos de vista tanto dos indivíduos quanto das comunidades, respeitando os princípios da bioética, como autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, entre outros. Destaca-se que somente poderiam participar da pesquisa estudantes maiores de 18 anos, e o consentimento dos participantes foi legitimado pela assinatura do TCLE. Desta maneira, é importante ressaltar que este estudo obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UVA, conforme Parecer nº 6.279.258. **RESULTADOS:** A amostra dos dados sociodemográficos dos estudantes universitários, evidenciam predominância do sexo feminino (52,7%), com média de idade de 23,1 anos e concentração nas faixas entre 20 e 23 anos (48,6%), o que indica um perfil típico de estudantes em fase inicial ou intermediária da graduação. Em termos raciais, observa-se maior proporção de estudantes autodeclarados pardos (58,1%), seguidos por brancos (28%) e pretos (12,4%), o que, embora reflita parcialmente a composição populacional brasileira, evidencia ainda sub-representação de estudantes pretos quando comparado aos dados do censo nacional. Essa distribuição sugere que, mesmo com políticas afirmativas, como a Lei de Cotas, persistem barreiras estruturais ao acesso pleno da população negra ao ensino superior, corroborando a literatura que aponta o racismo estrutural como elemento histórico de exclusão (Valério et al., 2021; Senkevics; Mello, 2019). A análise da renda familiar revela concentração entre um e dois salários mínimos (37,3%), indicando predominância de estudantes em situação socioeconômica vulnerável, fator que pode potencializar tanto a exposição à discriminação quanto os impactos psicológicos associados, conforme discutido por Ayliê, Mekonen e Mekuria (2020). A predominância de estudantes solteiros (87,8%) e a diversidade religiosa, com destaque para católicos (59,3%) e indivíduos sem religião (17,6%), complementam o perfil da amostra, mas têm menor impacto direto na análise central do estudo. Os dados da amostra, não apenas descrevem o perfil dos participantes, mas revela um cenário em que desigualdades raciais e socioeconômicas coexistem, criando condições propícias para a reprodução de experiências discriminatórias e vulnerabilidades em saúde mental, especialmente entre estudantes negros e de baixa renda. A segunda amostra de dados constitui o núcleo analítico do estudo, ao apresentar a relação entre raça e experiências de discriminação em diferentes contextos sociais, evidenciando

associações estatisticamente significativas ($p < 0,05$ em todas as variáveis). O dado mais expressivo refere-se à percepção geral de discriminação: enquanto 80,6% dos estudantes pretos relataram já ter sofrido discriminação racial, esse percentual cai para 31,5% entre pardos e apenas 8,2% entre brancos, demonstrando uma desigualdade marcante e consistente com a literatura sobre racismo estrutural. Essa discrepância evidencia que a experiência de discriminação não é homogênea, mas fortemente determinada pela posição racial dos indivíduos, sendo mais intensa e frequente entre aqueles que ocupam posições historicamente marginalizadas. Ao analisar os contextos específicos, observa-se que a escola aparece como um dos principais espaços de discriminação, com 71,6% dos estudantes pretos relatando alta exposição, em contraste com apenas 10,5% dos brancos. Esse dado sugere que o racismo se manifesta precocemente, ainda na formação básica, influenciando trajetórias educacionais e contribuindo para a reprodução de desigualdades ao longo da vida, conforme discutido por Souza Filho e Martins (2022). Além disso, a elevada incidência de discriminação em espaços públicos (70,6% entre pretos) e em interações de consumo, como lojas e restaurantes (62,7%), reforça a ideia de que o racismo extrapola o ambiente acadêmico, configurando-se como experiência cotidiana e difusa. Outro achado relevante refere-se à discriminação no acesso a serviços essenciais, como saúde e mercado de trabalho, onde estudantes pretos apresentam percentuais significativamente mais altos de exposição (28,4% em cuidados médicos e 38,2% na busca por emprego), indicando que o racismo impacta diretamente oportunidades de inserção social e acesso a direitos básicos. A consistência desses resultados, aliada aos valores elevados do teste Qui-quadrado e significância estatística ($p = 0,000$ na maioria das variáveis), reforça que tais diferenças não ocorrem ao acaso, mas refletem padrões estruturais de desigualdade racial. Assim, Kirkinis et al. (2021) observaram que a discriminação racial é um elemento crucial que pode resultar no surgimento de sintomas de trauma, incluindo os do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Ademais, a pesquisa revela que a discriminação racial causa impactos mais severos nas comunidades minoritárias, sugerindo que os impactos psicológicos da discriminação são frequentes e intensos. Este entendimento destaca a relevância de examinar os impactos da discriminação racial no Brasil de forma análoga, uma vez que reconhece que tais circunstâncias podem provocar traumas persistentes nas comunidades impactadas. de forma quantitativa, a magnitude das desigualdades raciais no contexto universitário. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que as experiências de discriminação racial entre universitários são distribuídas de forma desigual entre os grupos raciais, afetando de maneira mais intensa estudantes pretos, que relatam maior exposição em diversos contextos sociais, especialmente na escola, em espaços públicos e em interações de consumo. Esses achados corroboram a literatura sobre racismo estrutural e indicam que, apesar dos avanços nas políticas de inclusão, a universidade ainda reproduz desigualdades históricas. Assim, torna-se fundamental o desenvolvimento de estratégias institucionais que promovam não apenas o acesso, mas a permanência com equidade, incluindo ações de enfrentamento ao racismo e suporte à saúde mental. Dessa forma, o estudo contribui para o debate acadêmico e para a formulação de políticas públicas, ao

evidenciar a necessidade de intervenções estruturais que garantam ambientes universitários mais inclusivos e saudáveis para estudantes negros.

REFERÊNCIAS:

1. Brasil. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 30 ago. 2012.
2. Valério ACO, Santos LFS, Silva GDD, Nascimento VB, Souza MCS, Araújo MF. Racismo e participação social na universidade: experiências de estudantes negras em cursos de saúde. Cad Bras Ter Ocup. 2021;29:e2278.
3. Ayliê NS, Mekonen MA, Mekuria RM. The psychological impacts of COVID-19 pandemic among university students in Bench-Sheko Zone, South-west Ethiopia: a community-based cross-sectional study. Psychol Res Behav Manag. 2021;14.
4. Souza Filho EF, Martins E. Contribuições da teoria histórico-cultural para a compreensão das questões raciais na educação escolar. Educ Pesqui. 2022;48:e239195.
5. Kirkinis K, Pieterse AL, Martin C, Agiliga A, Brownell A. Racism, racial discrimination, and trauma: a systematic review of the social science literature. Ethn Health. 2018;26(3):392-412.

DESCRIPTORES: Racismo; Saúde Mental; Estudantes.

EIXO TEMÁTICO: EIXO 3- Prática social, cuidado e impactos na saúde da população.